

Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DF-FFLCH-USP).

Disciplina: FLF0465: Estética III: "Estetização da vida na modernidade artística".

Área: Filosofia – 2º. Semestre de 2018.

Professor: Ricardo N. Fabbrini.

Turmas: 2018201 - 2018202



Trabalho de fim de curso

Escolha um dos seguintes temas:

1ª) Comente a seguinte afirmação: "Esse efeito, de que os dândis fizeram seu ideal, exerce um fascínio que se encontra em paragens bem distantes do dandismo: nos autores de *ready-made*, por exemplo. Pois, contentando-se com uma mudança na orientação de um objeto, com um leve deslocamento, com uma transformação de nome, Marcel Duchamp talvez satisfizesse sua preguiça; ele talvez perseguisse uma empresa de derrisão; mas, ao mesmo tempo, aplicava um projeto consertado das energias ínfimas. Nessa chave da economia dos meios, o mutismo do gesto terá um alto rendimento. A parcimônia de linguagem é sempre bela. O gesto silencioso e medido, desencadeando por si só a transformação de sentido de uma situação, representará, portanto, um caso notável do efeito estético, pelo menos como ele é aqui encarado" (cf. Jean Galard, "A beleza do gesto." São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p.51).

2ª) Comente a seguinte afirmação "O dandismo é toda uma maneira de ser que não se resume ao aspecto materialmente visível. É uma maneira de ser inteiramente composta de nuances (...) O dandismo (...) brinca com a regra e, contudo, respeita-a ainda. (...) Para jogar esse jogo é preciso ter a seu serviço todas as levezas que fazem a graça, tal como os matizes do prisma, ao se reunirem, formam a opala". (cf. Barbey d'Aurevilly, *O dandismo e George Brummell*. In "Manual do dândi: a vida como estilo". org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009, p. 130-131).

3ª) Comente a seguinte afirmação: "O dandismo é o último rasgo de heroísmo nas decadências (...) O dandismo é um sol poente; como o astro que declina, é magnífico, sem calor, e cheio de melancolia". (Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*. In "A modernidade de Baudelaire": org. Teixeira Coelho. São Paulo, Paz e Terra, 1988, p. 196-197).

4ª) Comente a seguinte afirmação: "Assim ele vai, corre, procura. O que? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, tem um objetivo mais elevado do que a de um simples *flâneur*, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade; pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta

pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório". (Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*. In "A modernidade de Baudelaire": org. Teixeira Coelho. São Paulo, Paz e Terra, 1988, p. 173).

5ª) Comente a seguinte afirmação: "É uma sensação forte, é verdade – por que negar a força de Ingres? – mas de uma ordem inferior, quase doentia. É quase uma sensação negativa, se pudesse me exprimir assim. Na verdade, é preciso confessar imediatamente que o célebre pintor, revolucionário à sua maneira, tem méritos, e mesmo encantos, de tal forma incontestáveis e cuja fonte analisarei daqui a pouco que seria pueril não constatar aqui uma lacuna, uma privação, um enfraquecimento no jogo das faculdades espirituais. A imaginação que alimentava esses grandes mestres, desnoroados em sua ginástica acadêmica, a imaginação, a rainha das faculdades, desapareceu. Já não há imaginação; logo, já não há movimento (...). Courbet, igualmente, é um poderoso operário, uma selvagem e paciente vontade; e os resultados que obteve – resultados que para alguns espíritos têm mais charme do que os do grande mestre da tradição rafaelesca -, certamente por causa de sua solidez positiva e de seu amoroso cinismo, revelam, como estes últimos, esta singularidade: manifestam um espírito sectário, aniquilador de faculdades." (Charles Baudelaire, *A Exposição Universal de 1855*. In "A modernidade de Baudelaire": org. Teixeira Coelho. São Paulo, Paz e Terra, 1988, p. 42-43).

6ª) Comente as seguintes passagens: a) "Quando atravessava a avenida, com certa precipitação para livrar-me dos carros, a minha auréola se desprendeu e foi cair na lama do asfalto. Ainda tive, felizmente, tempo de apanhá-la: no entanto, durante uns breves instantes insinuou-se no meu espírito a idéia de que isso podia constituir um mau presságio. Desde então, a idéia não quis me largar, tirando-me o sossego durante todo o dia". (Charles Baudelaire, *Projéteis*, XI. In "Poesia e prosa: volume único". Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 511).

b) "___ MAS O QUE? Você por aqui, meu caro? Você em tão mau lugar! você, o bebedor de quintessências! Você, o comedor de ambrosia! Francamente, é de surpreender.

___ Meu caro, você bem conhece o meu pavor dos cavalos e das carruagens. Ainda há pouco, quando atravessava a toda pressa o bulevar, saltitando na lama, através desse caos movediço onde a morte surge a galope de todos os lados a um só tempo, a minha auréola, num movimento precipitado, escorregou-me da cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder as minhas insígnias do que ter os ossos rebentados. De resto, disse com meus botões, há males que vêm para bem. Agora posso passear incógnito, praticar ações vis, e entregar-me à crápula, como os simples mortais. E aqui estou igualzinho a você, como está vendo!

___ Você deveria ao menos pôr um anúncio, ou comunicar a perda a um comissário.

___ Ah! não. Estou bem assim. Só você me reconheceu. Aliás, a dignidade me entedia. Depois, alegra-me pensar que talvez algum mau poeta encontre a auréola e com ela impudentemente se adorne. Fazer alguém feliz, que prazer!

E sobretudo um feliz que me fará rir! Pense no X., ou no Z.!,Hein! como será engraçado! (Charles Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, XLVI: *Perda da auréola* . In "Poesia e prosa: volume único". Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 333).

7ª) Comente a seguinte afirmação: "Baudelaire não encontrou, como Gautier, satisfação em sua época; nem como Leconte de Lisle pôde enganar-se com relação a ela. Para ele, o idealismo humanitário de um Lamartine ou de um Hugo não estava disponível; nem lhe foi dado, como a Verlaine, refugiar-se na devoção. Como não possuía nenhuma convicção, estava sempre assumindo novos personagens. *Flâneur*, apache, dândi e trapeiro, não passavam de papéis entre outros. Pois o herói moderno não é herói – apenas representa o papel de herói. A modernidade heroica se revela como uma tragédia onde o papel do herói está disponível" (cf. Walter Benjamin, *A Modernidade*. In "Walter Benjamin, obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo", São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 94).

8ª) Comente a seguinte afirmação: "É a partir da estética primeira que se pode colocar a questão das *práticas estéticas*, no sentido em que entendemos, isto é, como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que fazem no que diz respeito ao comum. As práticas artísticas são *maneiras de fazer* que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade". (Jacques Rancière, *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005, p.17).

9ª) Comente a seguinte afirmação: "Uma primeira tentativa de um novo modo de comportamento já foi obtida com o que chamamos de deriva, que é a prática de uma superação passional pela mudança rápida de ambiências, ao mesmo tempo que um meio de estudo da psicogeografia e da psicologia situacionista. Mas a aplicação dessa vontade de criação lúdica precisa estender-se a todas as formas conhecidas de relações humanas e, por exemplo, influenciar a evolução histórica de sentimentos como a amizade e o amor. Tudo leva a crer que é em torno da hipótese de construção de situações que está o essencial de nossa pesquisa". (Guy-Ernest Debord. Texto apresentado na conferência de fundação da Internacional Situacionista de Cosio d' Arroschia, Julho de 1957. In *Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a Cidade*. Org. Jacques Paola Berenstein. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.56).

10ª.) Comente a seguinte afirmação: "Dito isso, os artistas relacionais constituem um grupo que pela primeira vez desde o surgimento da arte conceitual, nos meados dos anos 1960, não se apoia absolutamente na reinterpretação de tal ou tal movimento estético do passado; a arte relacional não é o *revival* de nenhum movimento, o retorno a nenhum estilo; ela nasce da observação do presente e de uma reflexão sobre o destino da atividade artística. Seu postulado básico – a esfera das relações humanas como lugar da obra de arte – não tem precedentes na história da arte, mesmo que, a posteriori, apareça como evidente pano de fundo de qualquer prática estética e

como tema modernista por excelência: basta reler a conferência por Marcel Duchamp em 1954, "O processo criativo", para se convencer de que a interatividade não é uma ideia nova. A novidade está em outro lugar. Ela reside no fato de que essa geração de artistas não considera a intersubjetividade e a interação como artifícios teóricos em voga, nem como coadjuvantes (pretextos) para uma prática tradicional da arte: ela as considera como ponto de partida e de chegada, em suma, como os principais elementos a *dar forma* à sua atividade". (cf. Nicolas Bourriaud, "Estética Relacional". São Paulo, Martins, 2009, p.61-62).



11ª) Comente a seguinte afirmação: "No entanto, acredito que há – e em toda sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. É bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha, lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, momentos ucrônicos." Michel Foucault, *Heterotopias*. In: Michel Foucault, "O corpo utópico, as heterotopias". São Paulo: n-1 edições, 2013, p. 19.

12ª) Comente a seguinte afirmação: "Quanto a mim, lamentei sempre que não houvesse uma utopia doméstica, e tive muitas vezes vontade de escrever: um modo ideal (feliz) de figurar, de predizer a boa relação do sujeito com o afeto, com o símbolo. Ora, isso não é propriamente uma utopia. É apenas – e para além, excessivamente – a busca figurativa do Soberano Bem. Aqui: o Soberano Bem quanto ao habitar. Ora, O Soberano Bem – sua figuração – mobiliza toda a extensão e a profundidade do sujeito, em sua individuação, isto é, em sua história pessoal, completa. Disso, somente uma escritura poderia dar conta – ou então um ato romanesco (se não um romance)". Roland Barthes, "Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos – Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977". São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 256-257.

13ª) Comente a seguinte afirmação: "A extraordinária relevância que *A janela de esquina do meu primo* ocupa no conjunto da obra hoffmanniana pode ser percebida ainda mediante dois outros aspectos que, ao lado dessa dimensão corrosiva em que se relativizam as sentenças otimistas enunciadas pelo enfermo, também fazem ressaltar a sua modernidade. Em primeiro lugar trata-se, conforme observou Walter Benjamin, de uma das mais remotas manifestações da tematização literária da metrópole moderna, como se reitera alguns anos depois na obra de dois admiradores do escritor alemão: o conto ambientado em Londres e em poemas de Baudelaire sobre Paris (ou em seu *Pintor da vida moderna*, de 1863). Desse modo, pode-se considerar a narrativa de Hoffmann como momento precursor de uma tradição que no século XX encontrará expressivos marcos como *Berlin Alexanderplatz*, de Alfred Doblin, ou *Manhattan Transfer*, de Johns dps Passos". (Marcus Mazzari, "Hoffmann e as primícias da arte de enxergar". In E.T.A. Hoffmann, "A janela de esquina de meu primo". São Paulo, Cosac Naify, 2010, p. 68).

14ª) Comente a seguinte afirmação: "Assim como uma estética atual não pode negligenciar as transformações incisivas produzidas na esfera da arte pelos movimentos históricos de vanguarda, tampouco ela pode ignorar que há muito a arte já tenha entrado numa fase pós-vanguardista, Esta fase pode ser caracterizada por ter-se restaurado a categoria de obra e pelo fato de serem utilizados, para fins artísticos, procedimentos inventados pela vanguarda. Isso não deve ser tomado como "traição" aos objetivos dos movimentos de vanguarda (superação da instituição arte, união de arte e vida), mas como resultado de um processo histórico. Este, de modo bastante geral, pode ser assim caracterizado: malgrado o ataque dos movimentos históricos de vanguarda à instituição arte, ou seja, não tendo sido a arte transposta para a práxis vital, a instituição arte continua a existir como instituição dissociada da práxis vital. O ataque permitiu, contudo, que ela passasse a ser reconhecida como instituição e que a (relativa) ausência de consequência da arte na sociedade burguesa passasse a ser reconhecida como seu princípio." (cf. Peter Burger, "Teoria da vanguarda". São Paulo, Cosac Naify, 2008, p.120).

5

15ª) Comente a seguinte afirmação: "A obra vanguardista não cria uma impressão total, condição para uma interpretação de seu sentido, nem confere clareza à impressão que, por ventura, venha se produzir no retorno às partes individuais, uma vez que estas não se encontram mais subordinadas a uma intenção da obra. O receptor experimenta essa denegação de sentido como choque. Esse choque é intencionado pelo artista de vanguarda, que mantém a esperança de, graças a essa privação de sentido, alertar o receptor para o fato de a sua própria práxis vital ser questionável e para a necessidade de transformá-la. O choque é ambicionado como estimulante, no sentido de uma mudança de atitude, e como meio, com o qual se pode romper a imanência estética e introduzir uma mudança da práxis vital do receptor." (cf. Peter Burger, "Teoria da vanguarda". São Paulo, Cosac Naify, 2008, p.158).

Data de entrega do trabalho em cópia impressa (na secretaria). Não enviá-lo por emai: 08/12/2018.

Limite: 14.700 caracteres (com espaços).